

NOTICIÁRIO

COLÓQUIO SOBRE A OBRA DE CARLOS DROGUETT

Há muitos anos que o Centre de Recherches Latino-Américanes da Université de Poitiers, organiza um colóquio sobre escritores latino-americanos. São encontros internacionais realizados anualmente e a eles comparecem participantes que se reúnem em sessões privadas para apresentar e discutir trabalhos que, posteriormente, são publicados nas atas do colóquio. Já são vários anos de atividades em que se estudaram as obras de Roa Bastos, Pablo Neruda, Cesar Vallejo e entre os brasileiros a obra de Graciliano Ramos, Machado de Assis, Drummond de Andrade.

Neste ano de 1981, o Colóquio foi dedicado à obra de Carlos Droguett, tendo início no dia 20 de maio. Nascido em Santiago, no dia 12 de outubro de 1915, Carlos Droguett é autor de uma imensa produção jornalística espalhada por jornais do Chile e da América Latina e por revistas especializadas européias. Sua obra de ficção se compõe de contos, uma peça de teatro e muitos romances, entre os quais **Eloy**, publicado na Espanha e traduzido para o francês, alemão, tcheco, dinamarquês e italiano. No colóquio foram tratados: **El compadre** ("O Evangelho Segundo Carlos Droguett", por Antonio Melis, e "Introdução à Narrativa de Carlos Droguett: **El Compadre**, por Jaime Concha), **Patas de Perro** ("A Fábula de Medio Pollo", por Nicasio Perra San Martin), **Eloy** ("O Jogo de Informações e as Relações do Contar", por Cecília Teixeira de Oliveira Zokner), **El Hombre que Había Olvidado** (Carlos Droguett: a Escritura Como Paixão", por Alain Sicard), **El Hombre que Traslada las Ciudades** ("Sobre —", por Carlos Santander), **Los Asesinados del Seguro Obrero y Sesenta Muertos en la Escalera** ("Sobre —", por Luís Inigo Madrigal). Os demais trabalhos focalizaram a obra de Carlos Droguett a partir de um tema, de um elemento estruturador: "Carlos Droguett: Uma Aventura Literária Comprometida com o Homem", por Teobaldo Noriega; "Violência e Escritura na Obra de Carlos Droguett", por Maryze Renaud; "A poética de Carlos Droguett", por Soledad Bianchi e "Narrador e Personagem na obra de Carlos Droguett", por Fernando Moreno.

Evidentemente, esta esquematização a respeito dos trabalhos apresentados é bastante simplista e somente se justifica na medida em que seu objetivo é informar. Também é evidente que para ser a informação fosse mais completa e permitindo, inclusive, uma avaliação das várias maneiras de aproximação do texto seria interessante trans-

crever-lhe os resumos. O acesso, porém, só foi possível a dois: ao de Ximena Mandacovic e ao de Jacqueline Covo.

Ximena Mandacovic, chilena, ensina na Universidade de Poitiers. Fez um estudo sobre a morte como elemento estruturador na obra de Carlos Droguett. Partindo das diferentes definições da morte encontradas na obra de seu compatriota, a autora se aproxima do conceito cristão no qual a idéia dominante é a libertação do espírito e a vida do além. Na estrutura da obra a ação vai se elaborar a partir do motivo da morte. Assim, em **Cien Gotas de Sangre y Doscientas de Sudor**, o inverno, a fome, o mar, a doença, o desejo do poder, a traição, o medo fazem que avance a ação de acordo com o maior ou menor perigo de morte. Para a autora, aliás, em toda a novelística de Carlos Droguett a morte será a companheira da fome, do trabalho, da miséria, da falta de trabalho, da condição marginal, da violência. Em **Sessenta Muertos em la Escalera**, a morte é o eixo que une as duas partes nas quais está dividido o romance. Em **Eloy**, o motivo da perseguição contém em si a morte que irá conduzir a ação desde o começo até o desenlace. Em **Patas de Perro** o medo de que Bobi seja morto é o suporte da última parte do romance. Para Ximena Mandacovic se trata, então, de um espaço novelístico geralmente fechado, angustiante, caracterizado pelo sofrimento, pela morte. A visão de um mundo social, voluntariamente simplista e esquematizado, também determinado pela morte onde se situam ricos e predominantemente os pobres. Indefesos, repudiados pela sociedade, marginais, são empurrados a procurar apoio na religião, na esperança do Cristo pobre, marginal com eles, Cristo e anticristo que celebra, com suas próprias mãos, o ritual da morte, em cada quaresma, em cada Natal, para ser sempre e novamente sacrificado ou crivado de balas pelos tiras.

Jacqueline Covo é francesa e leciona na Universidade de Rennes. Historiadora, seu trabalho "História e Elaboração Literária nos Romances da Conquista", analisa os três romances **Cien Gotas de Sangre y Doscientas de Sudor**, **Supay el Cristiano** e **El Hombre que Traslada las Ciudades**. Sua proposta de trabalho é estudar a utilização, pelo romancista, do material histórico que lhe serve de base, integrando-lhe suas próprias obsessões.

Na primeira parte, procura as fontes históricas dos três romances dedicados os dois primeiros à fundação de Santiago e o outro à epopéia de Juan Nuñez Prado, fundador da cidade do Barco no vale de Tucumán. O cotejo de algumas fontes possíveis (cartas de Valdivia, crônicas de Góngora Marmolejo e Mariño de Lobera, Colección de Documentos Inéditos de la Historia de Chile Completados por J. T. Medi-

na, Nueva Crónica de la Conquista de Tucumán de Levillier, Probanzas de Méritos y Servicios de los Conquistadores (Gobierno de Tucumán) com episódios dos três romances permite sublinhar a fidelidade de Carlos Droguett a sua fonte documental.

Na segunda parte, sua proposta é esclarecer os motivos pelos quais Carlos Droguett incorporou a conquista a sua obra, destacando alguns dos temas presentes dos três romances. O tema da morte, primeiro, constante na temática do novelista, no qual é reafirmada a estreita dialética vida/morte. Confirma essa dialética a obsessão das botas que, em **El Hombre que Traslada las Ciudades**, parece metonímia do homem que vive (caminha), mata, morre. Por fim, o tema da cidade, de sua constante construção e destruição, fio condutor dos três romances que também se relaciona estreitamente com a vida e com a morte do homem, oferece outro nível de interpretação, o da criação sempre renovada, podendo ler-se **El Hombre que Traslada las Ciudades** como uma metáfora da escritura.

Embora se trate de dois trabalhos cuja aproximação ao texto é feita de maneira bastante diversa, eles possuem um denominador comum: demonstram a relação de Carlos Droguett com a realidade. Seja uma realidade distante, histórica, passada, seja uma realidade cotidiana, vivenciada, sofrida.

Durante as discussões que se seguiram às apresentações dos trabalhos, Carlos Droguett foi interpelado sobre relação. "Eu não invento nada, disse ele. Não fui eu quem inventou o trágico e a morte na América Latina. Um de vocês dizia que tudo o que eu escrevo é histórico. Na verdade, eu não invento, estou contando coisas que aconteceram. Nesse sentido, sou apenas um transcritor. Lembro que um personagem da **Odisséia** diz que os deuses tramam e cumprem a perdição dos homens para os homens futuros tenham o que contar. Nesta safra está contida uma proposta temática. Por outro lado, Marcel Proust, dizia que o sofrimento existe para que exista a arte. Poderíamos inverter a frase e dizer que a arte existe porque existe o sofrimento."

E, não resta dúvida que, para um latino-americano e chileno, o veio é inesgotável. E profundamente trágico e violento é o mundo novelístico de Carlos Droguett. São massacres, torturas, são violações, mortes cuja origem e razão permanecem uma incógnita para os personagens. Não para o leitor, no entanto; para ele é muito mais fácil nomear os deuses que tramam e executam a perdição dos homens na América Latina, sejam eles fictícios ou não.

Este envolvimento de Carlos Droguett com o homem se apresenta exacerbado na sua obra e se constitui motivo importante de discussões como o foram, também, certos aspectos estruturais de sua obra ou o seu contínuo refazer dos textos. Estes trabalhos críticos apresentados e os debates ocorridos no Colóquio demonstraram que não se trata apenas de uma obra de compromisso na medida em que as análises feitas sob parâmetros puramente estéticos confirmam qualidades que somente os grandes textos possuem.

E, no entanto, trata-se de uma obra totalmente desconhecida no Brasil. O que torna mais evidente esta situação de dependência cultural que o passar dos anos só faz recrudesacer em nosso meio. Porque no Brasil parece que somente são lidos os autores que as metrópoles recomendam. Ou senão, como explicar as dificuldades de intercâmbio cultural entre os países latino-americanos quando a travessia do Atlântico — ou da Europa ou dos Estados Unidos para cá — é sempre factível apesar de as vezes até ser mais longa? Porque parece que, realmente, as palavras de além-mar são impulsos que induzem à travessia — basta pensar nos autores que conhecemos apenas e somente a partir da descoberta que deles se fez na França ou nos Estados Unidos — e que somente a partir dela é que advém as condições de conhecer e julgar e apreciar o que é bom, o que é válido, o que é belo, o que é essencial?

O Colóquio de Poitiers acaba de laurear Carlos Droguett. Com certeza também, acaba de lhe dar um outro espaço. Considerando, sabiamente, que dos males o menor, quem sabe agora possa existir a esperança de que sua obra chegue ao Brasil. Porque os brasileiros merecem conhecê-la.

Cecilia Zokner